

SUJEITOS LEXICÓGRAFOS: ASSINALAMENTO EM DICIONÁRIOS DE LÍNGUA

LEXICOGRAPHER SUBJECTS: SIGNALING IN LANGUAGE DICTIONARIES

Angela Marina Chaves Ferreira*

Pós-doutoranda em Letras/Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Doutorado em Letras Neolatinas/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

E-mail: angmarina@globo.com

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

*Endereço: Angela Marina Chaves Ferreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades, Rua São Francisco Xavier 524, 11º andar, Sala 11029-A - Maracanã, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, CEP: 20550-013.

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho

Artigo recebido em 26/02/2014. Última versão recebida em 19/03/2014. Aprovado em 20/03/2014.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

RESUMO

Este trabalho é um recorte dos resultados dos desdobramentos da pesquisa da autora em dicionários de língua espanhola iniciada em 1999. Temos, aqui, o propósito de discutir assinalamentos de sujeitos lexicógrafos distintos em dois dicionários monolíngues do espanhol. Para isso, recuperamos a trajetória e o papel normatizador da Real Academia Espanhola da Língua (RAE), a partir de sua obra mais emblemática, o Dicionário da Língua Espanhola (DRAE: 2001). A seguir, realizamos estudos contrastivos desse dicionário com o Dicionário do Espanhol do México (DEM: 2010), a partir de um verbete que se relaciona a crenças religiosas. As versões on-line foram utilizadas para a coleta dos dados. Além da busca por verbetes do perfil determinado para o presente estudo, fizemos leituras e posteriores análises de falas dos prefácios das duas obras em destaque. Desse modo, nos propomos a resgatar e discutir as marcas dos sujeitos lexicógrafos diferentes que se manifestam nos enunciados das definições. Tomamos como base aportes de teóricos da Lexicografia (LARA: 1990, 1997, 2004, 2006; PORTO DAPENA: 2002) e da Análise do Discurso de linha francesa (MAINGUENEAU: 2001,2003), para dar norte às reflexões. Nossas análises nos permitem identificar vestígios de sujeitos assinalados diversamente nas definições do lema destacado, religión. Também propiciam o reconhecimento dos espaços que, como os sujeitos, remetem ao cenário em que se produziram as definições lexicográficas.

Palavras-chave: Lexicografia. Língua espanhola. Sujeitos.

ABSTRACT

This paper is an excerpt of the results from the research developments about Spanish language dictionaries started in 1999. We aim at discussing signaling different lexicographer subjects in two monolingual Spanish dictionaries. In order to achieve that, we recollected the trajectory and the standardizing role of the Royal Spanish Language Academy (RAE) from its most emblematic work, the Dictionary of the Spanish Language (DRAE: 2001). Then, we carried out contrastive analyses between the DRAE and the Dictionary of Mexican Spanish (DEM: 2010) of an entry related to religious beliefs. The on-line versions were used for data collection. Besides searching for entries given the profile determined for the present study, we further analyzed the prefaces to the two works featured. Therefore, we committed to recovering and discussing the marks of different lexicographer subjects manifested in the enunciated definitions. The study theoretical background is supported by the Lexicography (LARA: 1990, 1997, 2004, 2006; PORTO DAPENA: 2002) and the French Analysis of Discourse (MAINGUENEAU: 2001, 2003). These findings allow us to identify traces of subjects diversely reported in the definitions of the highlighted lemma religión. They also provide recognition of areas that, like the subject, refer to the scenario that produced the lexicographical definitions.

Keywords: Lexicography. Spanish. Subjects.

1 INTRODUÇÃO

Nossos estudos têm origem em pesquisas sobre obras realizadas pela Real Academia Espanhola da Língua (RAE), instituição de caráter normativo e prestigioso, vinculada ao Estado espanhol e subsidiada por esse. Na sua trajetória, a Academia atende a princípios de regulamentação da língua que fazem parte de seus propósitos fundadores, dita regras que servem como base a discussões teóricas, e orientam os estudos sobre a língua espanhola no mundo hispânico de modo amplo. Para explicitar e dimensionar as funções de prestígio da instituição, o percurso da Academia da Língua peninsular e de suas publicações é descrito aqui.

O desdobramento de nossa pesquisa inclui a contraposição desse dicionário ibérico e de um dicionário mexicano, elaborado por equipe de lexicógrafos de *El Colegio de México* (COLMEX), instituição de reconhecido prestígio entre os hispanistas. Recuperamos a trajetória do COLMEX, da mesma maneira que o fazemos em relação à RAE.

As discussões apresentadas a seguir têm como base a análise de um verbete, *religión*, por entender que contém traços de elaboração que indicam sua procedência. Desse modo, observamos a construção do enunciado lexicográfico, recuperando vestígios do sujeito lexicógrafo, através de marcas linguísticas de subjetividade, que podem ser dêiticos (pessoa, lugar, tempo), termos pejorativos ou laudatórios, restrições e abrangências.

A partir disso, realizamos a análise da entrada eleita, tomando como ferramenta estudos da Análise do Discurso de linha francesa, de base enunciativa, visando a determinar as situações de enunciação que reconhecemos através das definições dos verbetes. Buscamos, ainda, suporte em proposições relacionadas a Aurox (1992), para tratar o dicionário dentro do processo de *gramatização* das línguas como *instrumento linguístico* responsável, junto à gramática, pelo processo de acreditação da *existência* de uma língua.

Procuramos, entre outros aspectos, refletir sobre o papel ideológico que o dicionário representa na sociedade, em relação ao usuário que o consulta, como transmissor de informação específica, através de definições que se propõem objetivas e que assumem socialmente caráter de introdutoras de verdades. Para dar crédito ao dicionário, a busca pelo apagamento do sujeito lexicográfico é um objetivo constante, por conseguinte.

Através das observações já realizadas nos verbetes do dicionário de origem ibérica e do dicionário mexicano, foi possível constatar que esse ocultamento, uma marca própria de

textos científicos¹, nem sempre é alcançado de modo integral. Com base nessa constatação, procuramos efetuar uma pesquisa mais detalhada em enunciados lexicográficos. Cabe assinalar que a leitura dos prólogos é significativa para resgatar objetivos de realização da obra. Entretanto, pela própria característica constituinte de apresentar a obra, os últimos já são detentores de carga de subjetividade. Dessa forma, nossa análise se centra nos verbetes, tratando-se os prefácios como base de reflexão para possível presença de posturas ideológicas. Assim, partindo do pressuposto que a obra lexicográfica retrata momentos históricos, políticos, sociais, da *comunidade linguística* (MORENO FERNÁNDEZ, 1998) na qual se forja e a que está dirigida, consideramos pertinentes, dentro do âmbito dos estudos sobre a língua, reconhecer e resgatar prioritariamente as marcas de subjetividade que fazem parte de verbetes de dois dicionários de origens diferentes, pertencentes à *comunidade idiomática* (ibid.) dos falantes de espanhol.

Embora seja um trabalho pautado majoritariamente em suportes tomados da Lexicografia, nos valem, como já indicado, de algumas concepções da AD de linha francesa, para discutir determinados aspectos das definições e em teóricos da Lexicografia, para dar suporte à análise dos enunciados lexicográficos². Assim, nos valem de aportes Maingueneau³ (2001, 2003), que se relacionam à AD e, principalmente, de Lara (1990, 1997, 2004, 2006), e Porto Dapena (2002), para substanciar os estudos sobre Lexicografia.

2 REAL ACADEMIA ESPANHOLA DA LÍNGUA E COLÉGIO DO MÉXICO: TRAJETÓRIAS E REALIZAÇÕES

Uma parte substancial dos dicionários que constituem a pesquisa da autora são monolíngues, estão dirigidos à comunidade linguística dos hispano-falantes e têm a rubrica da Real Academia Espanhola da Língua⁴, instituição criada em 1713 por Felipe V, rei de Espanha, com o objetivo específico de “fixar, normatizar e dar esplendor” (<<http://www.rae.es>>) à língua castelhana. A primeira atribuição da RAE foi organizar um dicionário, a que chamou *Diccionario de la Lengua Castellana*, mais conhecido por *Diccionario de Autoridades* (DA). Esse modo de referenciação se deve ao fato de conter

¹ Embora alguns lexicógrafos como Lara (2004), tenham outras propostas que se afastam dessa visão de enunciados, lexicográficos como textos que procuram aproximar-se dos científicos, insistimos nesse pressuposto, no momento.

² Enunciado lexicográfico e definição são tratados como equivalentes em significado.

³ Tomamos alguns aportes de Bakhtin (1997), embora não seja analista do discurso, em virtude de sua releitura e remissões na construção conceitual de Maingueneau (2003, 2001).

⁴ Nessa fase da pesquisa, há parte significativa pautada nas investigações sobre a RAE.

citações ou abonações de escritores de renome nos enunciados lexicográficos de grande parte dos verbetes. Desse modo, tais exemplificações de uso foram retiradas de textos literários de escritores prestigiados. As obras, das quais se copiavam exemplos, tinham a função de dar crédito, contextualizar, abonar o uso da língua nas definições apresentadas. A publicação dos seis tomos do Dicionário de Autoridades se estendeu de 1732 a 1739, e a obra consta de volumes divididos por grupos de letras, obedecendo à ordem alfabética. Houve uma tentativa por parte do grupo formado pelos acadêmicos da RAE de revisar o Dicionário de Autoridades, que se limitou à realização do volume referente às letras A-B, em 1770. A RAE também tinha por missão constitutiva elaborar outras obras que regulamentassem o uso da língua, e publicou uma Ortografia e uma Gramática ainda no século XVIII, atendendo à urgência de *gramatizar* a língua. Em 1780, a Real Academia, sentindo a necessidade de reativar o projeto referente ao Dicionário e, reconhecendo a dificuldade dos usuários em manejar seis volumes, como estava disposto o DA, passou a organizar o Dicionário de Uso (Usual) em um único tomo. Surgiu assim a primeira edição do DRAE, em 1780, que continua sendo reelaborado até a atualidade, e cuja última edição em papel, a vigésima segunda, foi publicada em 2001. A RAE elabora, portanto, desde 1726, dicionários, gramáticas, ortografias, que circulam entre usuários da língua espanhola.

O destaque, em relação a funções da Academia Espanhola que apresentamos, se justifica, para que seja possível explicitar o prestígio das obras que recebem o seu selo: na comunidade linguística observada, a RAE avaliza e dá crédito às questões relacionadas à língua. Em outras palavras, é vista como uma instituição que emite pareceres que são aceitos (quicá, impostos) como norma.

Em relação à instituição mexicana, *El Colegio de México* (COLMEX) foi fundado em 1940, a partir de reorganização da *Casa de España*, e conta com o aval do Estado mexicano, ademais de outros colaboradores. É instituição superior de ensino, atua na área de pós-graduação *strictu sensu* e seu quadro composicional é formado por especialistas de prestígio, pesquisadores e docentes das áreas de humanidades e ciências sociais. (<<http://www.colmex.mx>>)

O Dicionário do Espanhol do México (DEM), elaborado pela equipe de lexicógrafos do COLMEX, sob a direção de Luis Fernando Lara, a partir de 1973, propõe registrar o repertório linguístico que se utiliza no México, distanciado de um caráter pitoresco, estranho, *bárbaro*, ou de particularidades linguísticas, que constituem os dicionários nomeados *dicionários de mexicanismos*. Não é visto como um repertório lexical que fomenta a “consciência do desvio” (LARA, 1990, p.8) com respeito a outros usos, mas como uma obra

que legitima o espanhol próprio da região. Reconhece o papel dos dicionários peninsulares que normatizam, apresentam a norma culta através dos dicionários gerais da língua, mas reivindica a necessidade de apresentar aos mexicanos vocábulos e sentidos que lhes são próprios, uma vez que, por constituição, os dicionários peninsulares não podem contemplar todas essas possibilidades da variedade linguística mexicana ou de qualquer outra, a bem da verdade. Entretanto, é perceptível, para nós, que obras ibéricas julgam ser possível apoderar-se de todo esse repertório.

A seguir, refletimos sobre a presença do *sujeito lexicógrafo*⁵ social, temporal e geograficamente marcado em dicionários.

2.1 O trabalho lexicográfico: aspectos de subjetividade

Estudos teóricos relacionados à Lexicografia remetem a questões vinculadas à presença do *sujeito* nas obras. Dentre essas propostas, citamos Porto Dapena (2002, p. 88, trad. nossa), “é conveniente mencionar aqui a ideia muito generalizada e compartilhada de que dois redatores não fariam nunca exatamente igual um mesmo verbete, o que equivale a aceitar que na redação lexicográfica ocorre sempre uma boa dose de subjetividade.” O autor sinaliza uma característica inerente aos enunciados lexicográficos: o sujeito emerge, apesar da necessidade de ocultá-lo o mais possível para que o verbete seja aceito como verdade.

Considerado como um “gênero textual” (BAKTHIN, 1989; DIONISIO, 2005), ou seja, “dispositivo de comunicação sócio-historicamente definido” (MAINGUENEAU, 2003, p.54), o verbete tem características de organização bastante próprias. Dentre elas, deve construir-se a partir de informações que buscam um distanciamento do sujeito enunciativo. Assim, a redação de um verbete de dicionário exige um grau significativo de isenção por parte da equipe de lexicógrafos que a realiza. Entendido como um discurso científico, o enunciado lexicográfico deve conter informações claras, sucintas, objetivas, que propiciem ao usuário, com base nas descrições feitas, uma imagem mental do lema descrito, em se tratando de “definições enciclopédicas”, especialmente. No caso das “definições linguísticas” (PORTO DAPENA, 2002), são a *definição* por excelência, uma vez que explicam a palavra ou unidade léxica em geral e fornecem ao usuário significados que permitem seu emprego adequado. Como já mencionamos, o ocultamento do sujeito faz com que o discurso seja tomado como verdadeiro, em consonância com os pressupostos do discurso científico.

⁵ Entendemos *sujeito lexicógrafo* como o responsável pela organização dos textos lexicográficos (enunciados lexicográficos ou definições e prólogos ou prefácios).

Segundo ainda Maingueneau (2003, p. 93-94), “É praticamente impossível encontrar um texto que não deixe aflorar a presença do sujeito falante. Este inscreve continuamente sua presença no enunciado, mas esta presença pode ser mais ou menos visível”⁶. Embora oriundos de áreas de estudo distintas, entendemos que Porto Dapena e Maingueneau dialogam em certo sentido e nos dão suporte para refletir sobre o apagamento ou a presença do sujeito lexicógrafo nos enunciados lexicográficos.

As marcas linguísticas da subjetividade citadas por Maingueneau são várias, remetendo aos dêiticos (pessoa, lugar, tempo), aos termos pejorativos ou laudatórios, como anteriormente pontuamos. Apesar da necessidade de descrever sem deixar marcas em um dicionário, é possível encontrar enunciados lexicográficos, nos quais se observam tais ocorrências e, desse modo, identificar de onde partem as informações, qual é o lugar da enunciação, assim como vislumbrar o próprio enunciador. Na atualidade, é mais raro encontrar tais marcas nos verbetes de dicionários gerais. Entretanto, nas obras lexicográficas mais distanciadas temporalmente, se observam variadas inclusões desse tipo, onde as indicações da *cena da enunciação* (composta por enunciador, co-enunciador, tempo e lugar) são frequentes, além de termos que incluem juízos de valor.

Damos sequência a este trabalho apresentando observações e discussões sobre a organização das definições⁷ contidas nos verbetes.

2.2 Os enunciados lexicográficos: vestígios de assinalamento

Vimos analisando a organização da macro-estrutura e da micro-estrutura de dicionários monolíngues de prestígio na língua espanhola desde 1999. Os primeiros estudos, como sinalizamos, estavam voltados mais especificamente para o DRAE e para o DA, obras da RAE. Optamos, entretanto, a partir do natural desdobramento da pesquisa, por analisar contrastivamente o *Diccionario de la Lengua Española* (DRAE), da Real Academia Espanhola de Língua e o *Diccionario del Español de México* (DEM), de El Colegio de México, dirigido por Luis Fernando Lara Ramos. Sem dúvida, nos apoiamos em uma sólida tradição de estudos em Lexicografia, ancorada em Günther Haensch, Luis Fernando Lara, Porto Dapena, entre outros especialistas da área, o que nos permite analisar dicionários criteriosamente e refletir sobre a organização das obras destacadas. Cabe ressaltar, entretanto,

⁶ Tomamos estudos da Análise do Discurso como apoio para as discussões sobre os enunciados lexicográficos. A autora não se considera, propriamente, analista do discurso.

⁷ Estamos utilizando *enunciados lexicográficos* e *definições* com o mesmo significado.

que nosso estudo se pauta em obras de diferentes propostas lexicográficas constitutivas. Em relação às características dos dicionários, podemos apontar que o DRAE é classificado como um dicionário *común* (MARTÍNEZ DE SOUSA, 1995), destinado a todos os 22 países de língua espanhola, enquanto o DEM se apresenta como *nacional* (LARA, 1990) e se propõe um dicionário dirigido, especialmente, aos mexicanos. Repartem o caráter de serem ambos monolíngues. Neste trabalho, utilizamos o *Diccionario de la Lengua Española*, mais conhecido por *Diccionario de la Real Academia Española* (DRAE), em sua vigésima segunda e última edição, de 2001, disponível na página da Real Academia Espanhola (RAE) <<http://www.rae.es>>, e o *Diccionario del Español de México* (DEM), de 2010, versão digital disponível na rede <<http://dem.colmex.mx>>, dirigido por Luis Fernando Lara e editado por *El Colegio de México* (COLMEX), como já nos havíamos referido.

Em última forma, comparamos obras de características diferentes para apontar sinais de subjetividade nas descrições dos verbetes. Para isso, fazemos uma análise das diferenças e semelhanças encontradas nas formas de descrição dos enunciados lexicográficos de uma entrada que se relaciona a questões que envolvem elementos religiosos. O contraste entre as duas obras nos permite analisar e discutir a presença e/ou a ausência de sujeitos lexicógrafos nos verbetes, assim como as posturas ideológicas que marcam o fazer lexicográfico desses sujeitos.

A seguir, passamos à apresentação e a uma reflexão sucinta sobre o verboete *religión*, tomado do DEM e do DRAE, com o intuito de expor a linha de raciocínio que nos norteia, de modo mais específico.

2. 3 Verboete *religión*: contraste entre enunciados

(1) Verboete DEM

religión

s f Conjunto coherente de creencias que un grupo de personas tiene acerca de la divinidad (de un Dios o de varios dioses) y de la relación de dependencia que lo une a ella, o de lo sagrado en general y del lugar que ocupa el género humano en el orden universal, y sistema de dogmas, preceptos y prácticas culturales y tradicionales que observa para rendirle culto, para normar su vida, relacionarse con otros hombres, con la naturaleza, etc: *religiones politeístas, una religión monoteísta, religiones prehispánicas, la religión judía, la religión católica, religión protestante, religión budista, religiones animistas, religiones totémicas*, “Su *religión* no se lo permite” (<<http://dem.colmex.mx>>)

(2) Verbetes DRAE**religión.**(Del lat. *religiō*, -ōnis).

1. f. Conjunto de creencias o dogmas acerca de la divinidad, de sentimientos de veneración y temor hacia ella, de normas morales para la conducta individual y social y de prácticas rituales, principalmente la oración y el sacrificio para darle culto.
 2. f. Virtud que mueve a dar a Dios el culto debido.
 3. f. Profesión y observancia de la doctrina religiosa.
 4. f. Obligación de conciencia, cumplimiento de un deber. La religión del juramento.
 5. f. orden (|| instituto religioso).
~ católica.
 1. f. Confesión cristiana regida por el Papa de Roma.
~ natural.
 1. f. religión descubierta por la sola razón y que funda las relaciones del hombre con la divinidad en la misma naturaleza de las cosas.
~ reformada.
 1. f. Instituto religioso en que se ha restablecido su primitiva disciplina.
 2. f. protestantismo.
- entrar en ~ alguien.
loc. verb. Tomar el hábito en una orden o congregación religiosa.
(<<http://rae.es>>)

A leitura do verbete *religión* do DEM e do DRAE nos permite visualizar, no dicionário mexicano, uma busca por ampliar a informação e marcar, de modo claro, a existência de outras religiões, indicando a possibilidade de que haja um deus ou vários (linha 2) ou, ainda, de uma pluralidade de religiões (linhas 6 a 8). Em contrapartida, o verbete do DRAE restringe a informação a um só deus (acepção 2) e a três religiões (católica, protestantismo, natural). Creemos que não há acaso na organização dos enunciados lexicográficos, com base na história da formação de ambos os povos - o lugar da enunciação está determinado, assim como o responsável por essa. Enquanto os espanhóis têm uma tradição dominante de uma quase exclusividade católica, os mexicanos demonstram preocupação explícita, por manter e preservar religiões não católicas também, principalmente no que tange ao legado pré-colombiano.

O intuito de manter laços com as raízes pré-hispânicas se manifesta no prólogo do DEM, fragmentado a seguir, e se acredita que esteja contemplada nos verbetes, como procuramos mostrar aqui, e como faremos no desdobramento da pesquisa que realizamos. Permite, ainda, reconhecer uma proposta distinta entre ambos, no que diz respeito às informações reproduzidas.

En cuanto a la gran comunidad hispanohablante, en América, Europa, Asia y África, lo que le ofrece el DEM es un vocabulario de uso mexicano que hace evidente la unidad de la lengua por la que tanto nos hemos esforzado desde la época de nuestras

independencias, a la vez que muestra la riqueza derivada de un español arraigado en la experiencia histórica de México, seguramente semejante a la variedad que se encuentra en los otros veintidós países que forman la comunidad hispánica, y que históricamente ha sido soslayada por el centralismo académico y la idea de la lengua a que ha dado lugar. (Introducción, < <http://dem.colmex.mx>>).

A partir do exposto no fragmento, observa-se que na introdução do DEM há um manifesto a favor de um resgate do passado mexicano pré-colonial, e que está marcada por um sujeito lexicográfico que aponta para a necessidade de incluir esse assinalamento histórico no dicionário. O resgate do léxico preserva sua riqueza histórica e sinaliza um distanciamento da visão da língua de uso, em diferentes regiões, como um *desvio*.

Quanto ao prólogo do Dicionário da Língua Espanhola (DRAE),

Las lenguas cambian de continuo, y lo hacen de modo especial en su componente léxico. Por ello los diccionarios nunca están terminados: son una obra viva que se esfuerza en reflejar la evolución registrando nuevas formas y atendiendo a las mutaciones de significado.

Especial cuidado ha de poner en ello el Diccionario académico al que se otorga un valor normativo en todo el mundo de habla española. La Real Academia Española y las veintiuna Academias que con ella integran la *Asociación de Academias de la Lengua Española* trabajan mancomunadamente al servicio de la unidad del idioma tratando de mejorar y actualizar un diccionario de carácter panhispánico. Cuanto aparece en el *DRAE* es fruto de ese estudio y de la aprobación colegiada (<<http://www.rae.es>>).

O movimento de acolhimento geral da língua se observa no DRAE, que opta por uma atitude preferencialmente *pan-hispânica*, que busca contemplar a todos e a nenhum, ao fim e ao cabo. O centralismo da Academia se manifesta, explicitamente, em sua pretensão arrogante de se outorgar o dever de normatizar o mundo hispânico. O papel regulador da Real Academia Espanhola se evidencia na busca, por abarcar e disponibilizar a diversidade da língua espanhola no dicionário usual. Nesse movimento, incorpora e dá crédito ao maior número possível de lemas pertencentes ao mundo hispânico ao repertório lexicográfico do DRAE. Na verdade, tal intenção está presente desde os primórdios da RAE e, nos dias atuais, a instituição somente segue o modelo de atuação instaurado no século XVIII (FERREIRA, 2009). Tal afirmação se fundamenta nos objetivos manifestados pela própria instituição espanhola em seus documentos de apresentação (<<http://www.rae>>).

Dessa forma, detectamos tanto no verbete destacado quanto nos fragmentos dos prólogos, sujeitos lexicógrafos reconhecíveis, marcados por propostas distintas. Um deles reivindica a manutenção e a preservação de raízes históricas que se manifestam através do léxico, enquanto o outro procura abarcar todas as possibilidades léxicas da *comunidade idiomática* (MORENO FERNÁNDEZ, 1998). No entanto, evidencia um flagrante centralismo

religioso, desconhecendo a pluralidade da comunidade a que pretende atender. Ao recuperar a trajetória da RAE, voltada para um objetivo explícito de indicar os usos aprovados da língua espanhola, receber informações sobre, praticamente, uma única religião é, no mínimo, inadequado e falso.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos detectar diferenças de natureza conceitual, descritiva, histórica, política, entre o DRAE e o DEM que caracterizam os sujeitos lexicógrafos que se manifestam na elaboração dos verbetes. Em decorrência, há produção de efeitos de sentido construídos pela presença do sujeito lexicógrafo no dicionário, apesar da orientação canônica lexicográfica de definir e descrever sem deixar marcas. Ainda, se pode observar que os sujeitos se manifestam na enunciação dos prólogos de modo mais perceptível, porque é necessário aclarar os propósitos do dicionário, e surgem de modo menos perceptível nos verbetes, porque se busca ocultamento, traço frequente de uma linguagem científica que os dicionários procuram utilizar, como já havíamos adiantado. Entretanto, também as diferenças nas definições dos lemas apontam e identificam os distintos sujeitos lexicógrafos. Dessa maneira, através das observações realizadas nos verbetes do dicionário de origem ibérica e no dicionário mexicano, foi possível constatar que o ocultamento do sujeito, marca própria de textos científicos, nem sempre é alcançado de modo integral.

Reconhecendo o lugar, legitimado pelo senso comum, que ocupa o dicionário da língua como fornecedor de verdades incontestáveis e, ainda, que a autoridade dessas verdades se estabelece, principalmente, a partir do próprio discurso científico que se constroi a partir de um afastamento intencional do *sujeito*, nos chama a atenção observar que verbetes de dicionário, gênero relacionado ao discurso científico, tragam informações que permitam o reconhecimento de elementos da *cena de enunciação*. Note-se, também, que o dicionário tem o papel de ser um *instrumento de gramatização* (AUROUX, 1992). Reconhecemos, entretanto, retomando Maingueneau (2003), que é praticamente impossível encontrar um texto sem um *sujeito*, cuja presença varia somente quanto ao maior ou menor grau de visualização.

O dicionário monolíngue torna-se, de acordo com nossa ótica, uma obra que transcende os limites de simples decodificador de palavras, de recurso para verificar a ortografia ou a origem dos lemas ou suas classes gramaticais, entre outras informações que costumam fazer parte dos enunciados lexicográficos. Em decorrência, torna-se uma

ferramenta que permite múltiplas leituras que levam a refletir sobre esse tipo de dicionário, como um instrumento de resgate de momentos, lugares e pessoas que se relacionam à sua elaboração, a partir, especialmente, dos elementos da enunciação que se mostram nas definições.

REFERÊNCIAS

AUROUX, S. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

BAKHTIN, M. “Os gêneros do discurso”. In: *Estética da Criação Verbal*. Trad. a partir do francês de Maria Ermantina Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral*. São Paulo: Comp. Ed.Nacional/EDUSP, 1966.

DICCIONARIO DEL ESPAÑOL DE MÉXICO. México:<<http://dem.colmex.mx>>.

DIONISIO, A. P. “Verbetes: um gênero além do dicionário”. In: _____; MACHADO, A R; BEZERRA, M A (Org). *Gêneros Textuais & Ensino*. 3ª ed. RJ: Lucerna, jan 2005, p. 125-137.

HAENSCH, G. et al. *La lexicografía de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1992.

FERREIRA, A. M.C. *Discursos e meta-discursos nos dicionários da Real Academia Espanhola: continuidades descontinuidades*. 2009. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas), UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

_____. “Dicionários da Real Academia Espanhola da Língua: aspectos de subjetividade”. In *Cadernos Neolatinos*, ano V, nº 5, 1º Simpósio Neolatinas Internacional de Letras Neolatinas: Entre moinhos e livros: audácias e impasses da modernidade, UFRJ, 2006.

_____. *Unidade e diversidade da língua em duas edições do Dicionário da Real Academia Espanhola (1947 e 1992): o léxico indígena mexicano*. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas), UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

LARA RAMOS, L. F. *Dimensiones de la Lexicografía: a propósito del ‘Diccionario de Español de México’*. El Colegio de México, 1990.

Teoría del diccionario monolingüe. México: El Colegio de México, 1997.

_____. *De la Definición Lexicográfica*. México: El Colegio de México, 2004.

_____. *Curso de lexicología*. México: El Colegio de México, 2006.

MAINGUENEAU, D. *Términos clave del análisis del discurso*; trad. de Paula Mahler.-1. ed. 1ª reimp. – Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

_____. *Análise de textos de comunicação*. Trad. de Cecília P. de Souza-e-Silva; Decio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTÍNEZ DE SOUSA, J. *Diccionario de Lexicografía Práctica*. Barcelona: Biblograf, 1995.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, S.A., 1998.

ORLANDI, E P. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.

PORTO DAPENA, J-A. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros, 2002.

_____. *Diccionario de la Lengua Española*, 2001. Disponível em <<http://www.rae.es>>. Acesso em: janeiro de 2013.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la Lengua Española*. Madrid:<<http://www.rae.es>>. <<http://dem.colmex.mx>>. <<http://www.rae.es>>.